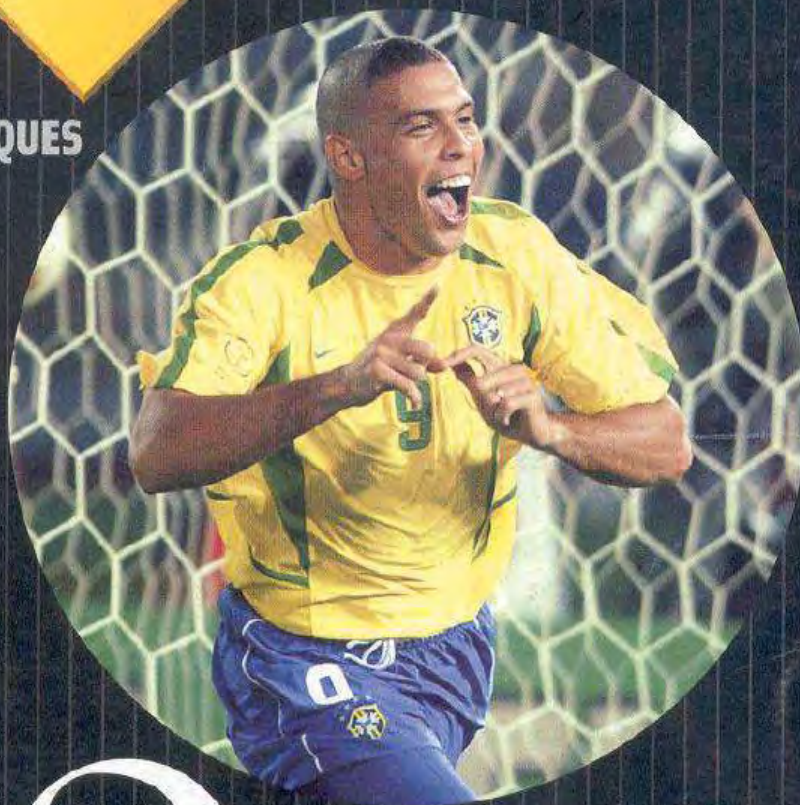
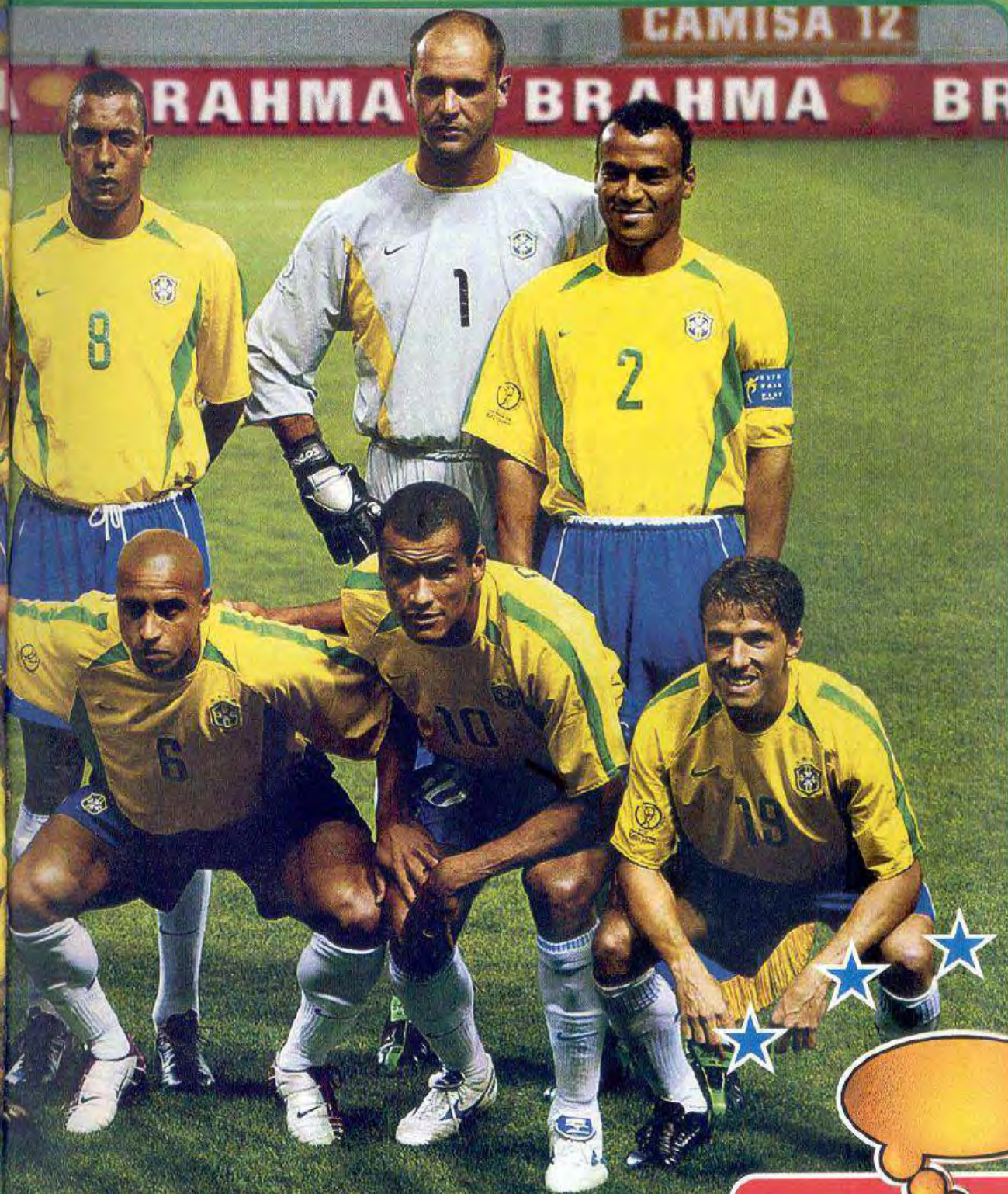
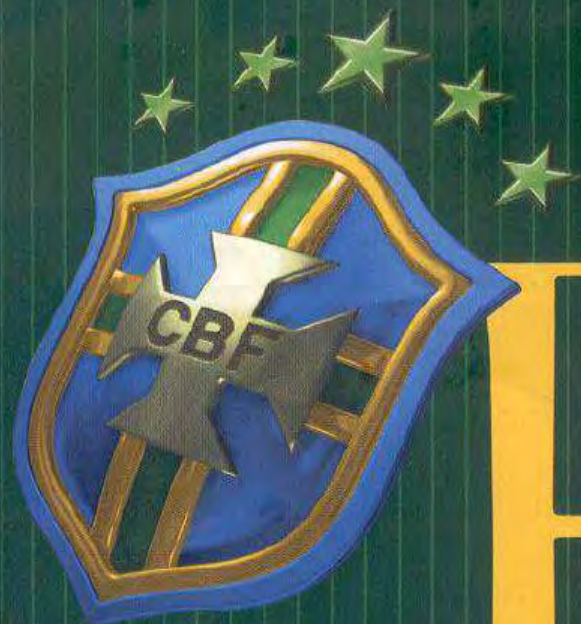
PLACAR
CBF
EDIÇÃO DE COLECIONADOR
OS CRAQUES
ELE
OS CAPITÃES
AS 100 MAIORES FOTOS DA HISTÓRIA DA SELEÇÃO
R$ 9,90
Abril

EM PÉ (da esq. para a dir.): Lúcio, Anderson Polga, Roque Júnior, Gilberto Silva, Marcos, Cafu. AGACHAD

BRASIL PENTACAM

Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Tartaruga da Brahma, Roberto Carlos, Rivaldo, Juninho Paulista.

Ronaldo esconde o exótico penteado da final, mas mostra qual bandeira é campeã

FOTO RICARDO CORRÊA

1 {Os títulos}

É Penta!

{ A saga da Seleção Brasileira nos cinco títulos mundiais rendeu belas imagens na mesma proporção em que vieram as grandes vitórias, os gols de placa e as taças inesquecíveis erguidas por nossos grandes capitães }

Cafu é o quinto membro da legião de cinco capitães que ergueram a taça de campeão do mundo para o Brasil
FOTO RICARDO CORRÊA

Ganhar uma Copa não foi tarefa fácil para o Brasil. Pelo menos até conseguirmos pela primeira vez. Foi preciso superar o amadorismo do início do século XX, a tragédia do Maracanã de 1950 e o complexo de país vira-lata, que nos destruía a auto-estima. Bons jogadores sempre tivemos, mas foi necessário um esquadrão inteiro de craques para, em 1958, exorcizar todos os fantasmas e ganhar o mundo.

Com as feridas curadas, não havia mais obstáculos para nos afirmarmos como os reis do futebol. Tá certo que deixamos escapar várias Copas, mas também é verdade que, com a conquista de 2002, estamos a léguas de distância — no mínimo oito anos — do segundo país com mais títulos depois de nós.

Foram cinco Mundiais vencidos. Cinco grupos campeões. Dos gênios que encantaram a Suécia, a uma Família que encontrou a glória na Coréia e no Japão.

Os quatro capitães anteriores que fizeram o mesmo gesto inesquecível de Cafu: no alto, Bellini (1958) e Mauro (1962). Acima, Carlos Alberto (1970) e Dunga (1994)

Como Felipão pôde convocar Roque Júnior? Como pôde levá-lo à Copa? Como é possível ele ter virado titular? Como não o tiram do time? Como ele melhorou nas últimas partidas. Como joga esse Roque Júnior! O Brasil todo desconfiava do zagueiro preferido de Scolari. O país inteiro teve que dar o braço a torcer ao final da Copa

Desde a derrota para a França em 1998, Ronaldo não havia mais sido o mesmo. Deixou para ser na Copa seguinte. Pelos dois gols na final contra a Alemanha, ele merecia mesmo ser carregado como um herói

FOTOS RICARDO CORRÊA

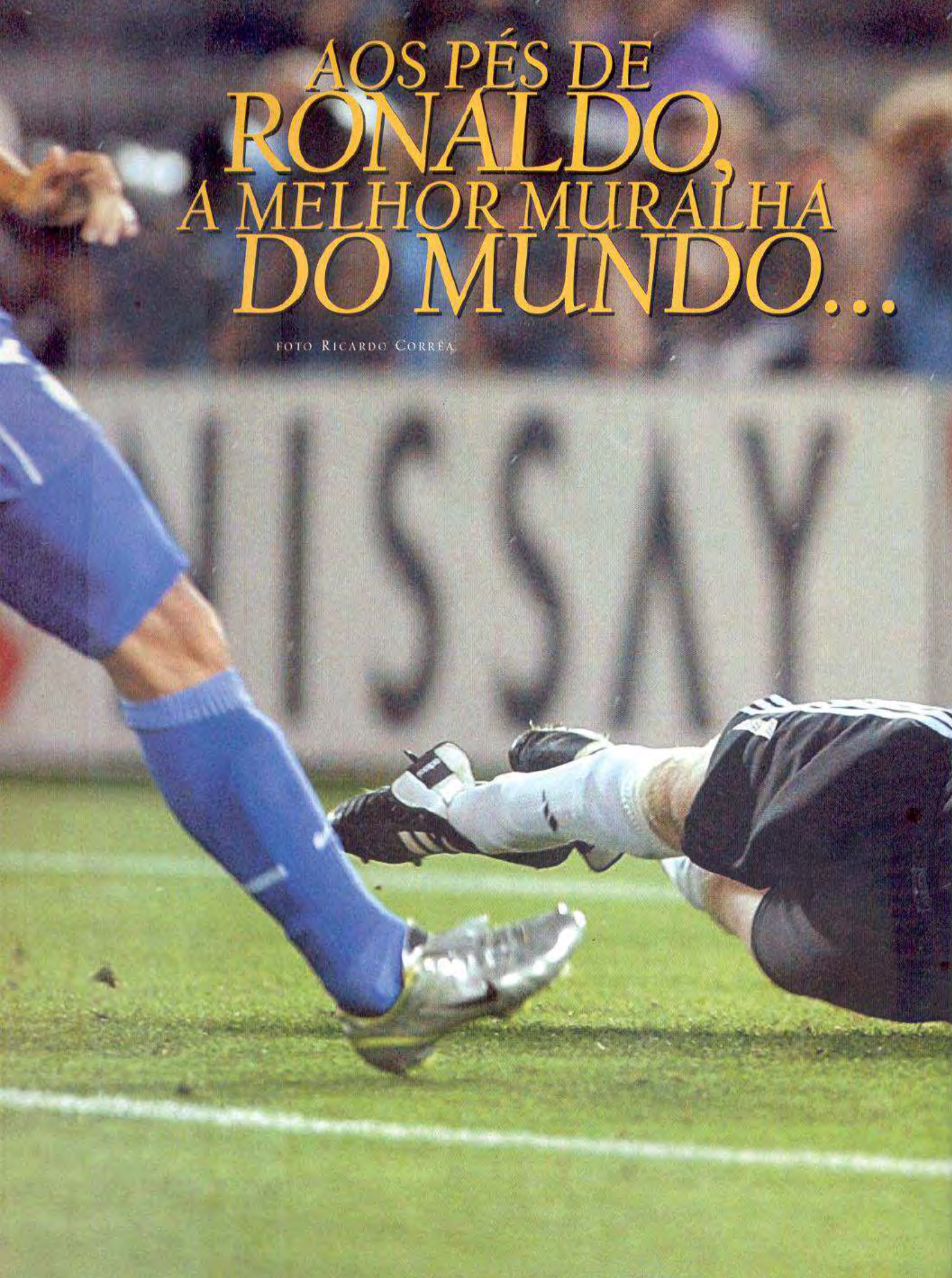
"RESGATAMOS A IMAGEM DO BRASIL VENCEDOR"

Felipão, após a vitória por 2 x 0 sobre os alemães

FOTOS RICARDO CORRÊA

Se Marcos rezava para manter o gol brasileiro fechado, Ronaldinho Gaúcho preferiu infernizar as defesas adversárias. Pobres ingleses! Nem Scholes nem Ashley Cole nem todo o império de Sua Majestade foi capaz de segurá-lo na jogada do primeiro gol do Brasil naquele histórico 2 x 1

AOS PÉS DE RONALDO, A MELHOR MURALHA DO MUNDO...

FOTO RICARDO CORRÊA

...DESABOU
UM FENÔMENO
INEXPLICÁVEL,
MAS COM FINAL FELIZ
FOTO RICARDO CORRÊA

O Tetra só veio após uma tensa decisão por pênaltis. Depois que o italiano Baggio desperdiçou a última cobrança, Bebeto foi mais rápido que Aldair, Cafu, Viola e Mauro Silva na corrida para comemorar o título com Taffarel

FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

Com a taça do Tetracampeonato nas mãos, o capitão Dunga, tão criticado na Copa de 90, fazia questão de mostrar para o mundo inteiro quem era o número 1. O goleiro Taffarel, herói na disputa de pênaltis, também era um número 1. E que grande camisa 1! Ele não se comoveu com o desespero do italiano Roberto Baggio e agradeceu aos céus o dom mágico de defender pênaltis como ninguém

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

Uma imagem que se tornaria um clássico no mundo inteiro. Pelé comemora o primeiro gol do Brasil na fina da Copa de 70 com a marca registrada do Rei: o soco no ar

FOTO LEMYR MARTINS

OS HERÓIS

DO TRI, EXTENUADOS, VÃO ABRAÇAR CARLOS ALBERTO APÓS ELE MARCAR O ÚLTIMO GOL DA FINAL. SALVE JAIRZINHO, RIVELINO, NOSSO CAPITÃO, PELÉ E PIAZZA!

FOTO AG. O GLOBO

QUASE ESCONDIDO NO MEIO DA MULTIDÃO DE MEXICANOS, CARLOS ALBERTO ERGUE A

TAÇA

JULES RIMET. MAIS NENHUM CAPITÃO PORIA AS MÃOS NELA

FOTO FOTO AG. O GLOBO

Nos 90 minutos da decisão, o Rei sempre foi vigiado de perto por dois, três adversários. De que adiantou? Pelé esteve presente no início e no fim da agonia italiana. Além de abrir os 4 x 1 com uma fantástica cabeçada, ainda rolou com genialidade e perfeição a bola com que Carlos Alberto fechou a goleada

LADO A LADO, OS DOIS ESQUADRÕES QUE CHEGARAM À FINAL NO ESTÁDIO ASTECA POSAM NA HORA DA EXECUÇÃO DOS HINOS NACIONAIS. UM DOS DOIS PAÍSES DEIXARIA O MÉXICO COM O ENTÃO INÉDITO TÍTULO DE TRICAMPEÃO MUNDIAL. A VOLTA DA SELEÇÃO BRASILEIRA FOI FESTIVA. JÁ A DA ITÁLIA...

FOTO SEBASTIÃO MARINHO

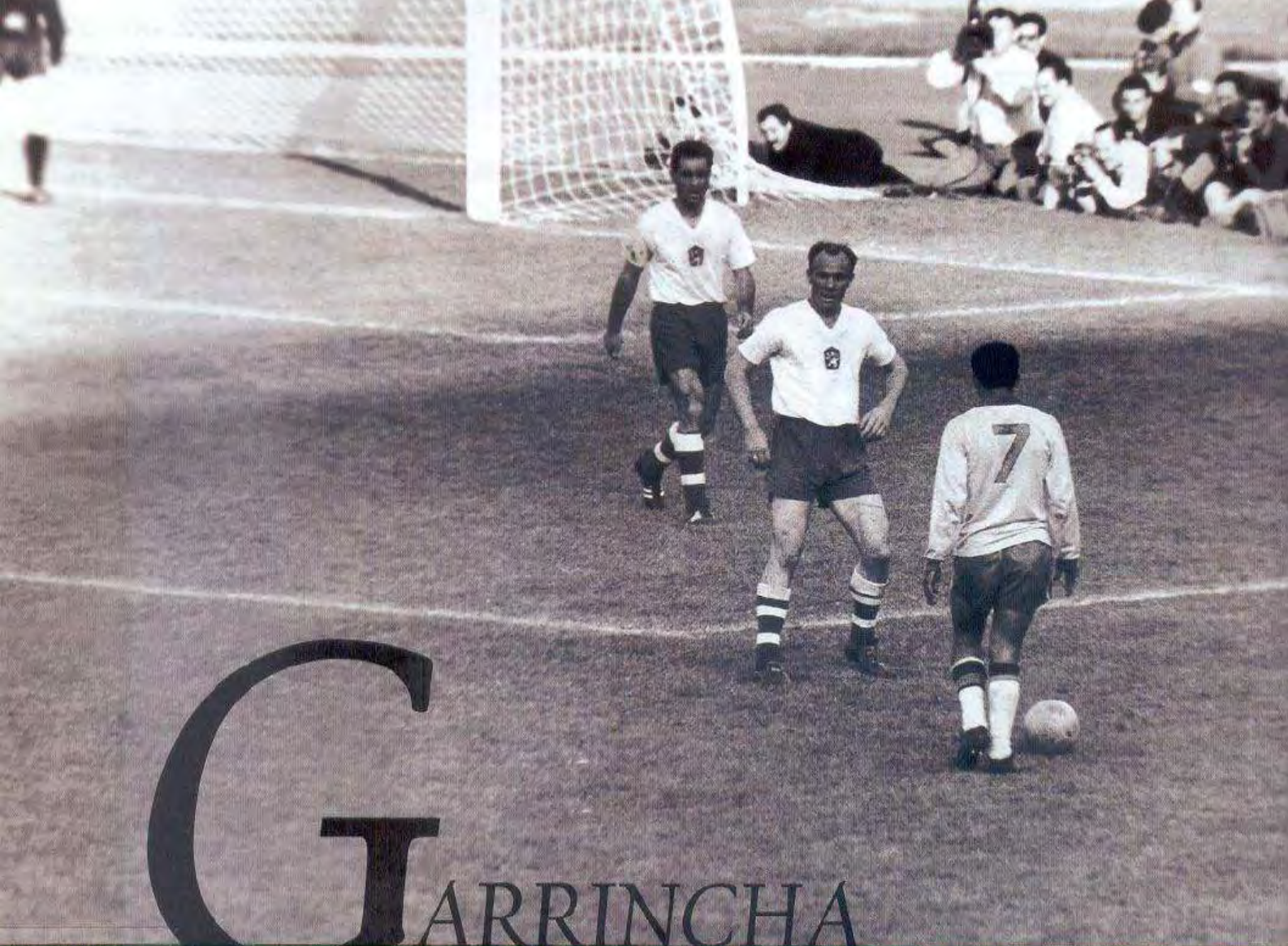
O artilheiro Vavá e Garrincha correm faceiros para abraçar Amarildo (camisa 20), autor do gol de empate contra a Tchecoslováquia em 1962. Depois Zito e Vavá completariam o serviço: 3 x 1 e Brasil bicampeão

GARRINCHA FOI O NOME DO TÍTULO. NA FINAL CONTRA OS TCHECOS, ELE NÃO FEZ GOL, MAS TIROU O SONO DE VÁRIOS ZAGUEIROS

FOTO ALBERTO FERREIRA/AG. JB

Final da Copa de 62, no Chile: Brasil 3 x 1 Tchecoslováquia. O estádio Nacional, em Santiago, foi o palco da segunda grande conquista do futebol brasileiro. Bellini inovou no gesto e Mauro Ramos de Oliveira seria o segundo capitão a erguer a taça Jules Rimet

FOTO ALBERTO FERREIRA

{Copa do Mundo - 1958}

Pelé é abraçado por Djalma Santos (à esq.) e Garrincha na final do Copa de 58. O mundo, pela primeira vez, era do Brasil

Sob a escolta dos fotógrafos, os campeões do mundo desfilam em gramado sueco. Nunca mais o Brasil temeria a derrota. A nação estava definitivamente curada do complexo de vira-latas

OS CAMPEÕES

EM PÉ: DE SORDI, ZITO, BELLINI, NILTON SANTOS, ORLANDO E GILMAR. AGACHADOS: GARRINCHA, DIDI, PELÉ, VAVÁ E ZAGALLO

2 Os grandes craques

Seleção deveria ser o coletivo de craque. Na vida real, não é. Apenas uns poucos podem andar com essa honraria colada ao nome. É um clube privê, composto por sócios ilustres como Garrincha, Romário, Zico, etc. E Pelé? Ele é outra coisa

Parecem dois lados da mesma moeda. E na Copa de 2002 foi realmente assim. Ronaldo completava Rivaldo. Ambos com seus voleios e gols, entraram este ano para o reservado clube dos craques brasileiros de todos os tempos

FOTOS RICARDO CORRÊA

Nem três camaroneses, nem todos os jogadores das outras 23 seleções seriam capazes de pará-lo. A Copa de 94 era dele, Romário. O Baixinho foi pequeno apenas na estatura. Com a bola nos pés, foi um dos maiores, senão o maior, centroavante do Brasil

FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

Falcão foi eleito o segundo melhor jogador da Copa de 82. Só não foi o primeiro porque o título lhe escapou

FOTO J.B. SCALCO

Zico deixa espantados um zagueiro e o atacante Serginho Chulapa ao preparar uma bicleta contra a Nova Zelândia na Copa de 82. O Galinho era assim mesmo, um craque para se ver jogar com a boca aberta

FOTO J.B. SCALCO

O timaço de 82 ainda tinha Júnior, um gênio na lateral esquerda. Quanto talento!

FOTO J.B. SCALCO

Careca marca contra a França em 86 e prepara a corrida festiva. A alegria só duraria até a disputa por pênaltis

FOTO SÉRGIO SADE

“NOSSA GERAÇÃO NÃO NASCEU PARA SER CAMPEÃ”

Sócrates, depois de perder o pênalti contra a França

Um chute de fora da área de Careca, uma bola no travessão, um gol de Sócrates no rebote. A Copa de 86 parecia promissora na estréia contra a Espanha, depois o Brasil ainda venceria Irlanda, Argélia e Polônia. Mas vieram os malditos pênaltis...

FOTO PEDRO MARTINELLI

Reinaldo era um centroavante da linhagem de Tostão, habilidoso e cerebral. Mas seus joelhos não deixaram que jogasse bem em 78, nem deram qualquer chance em 82

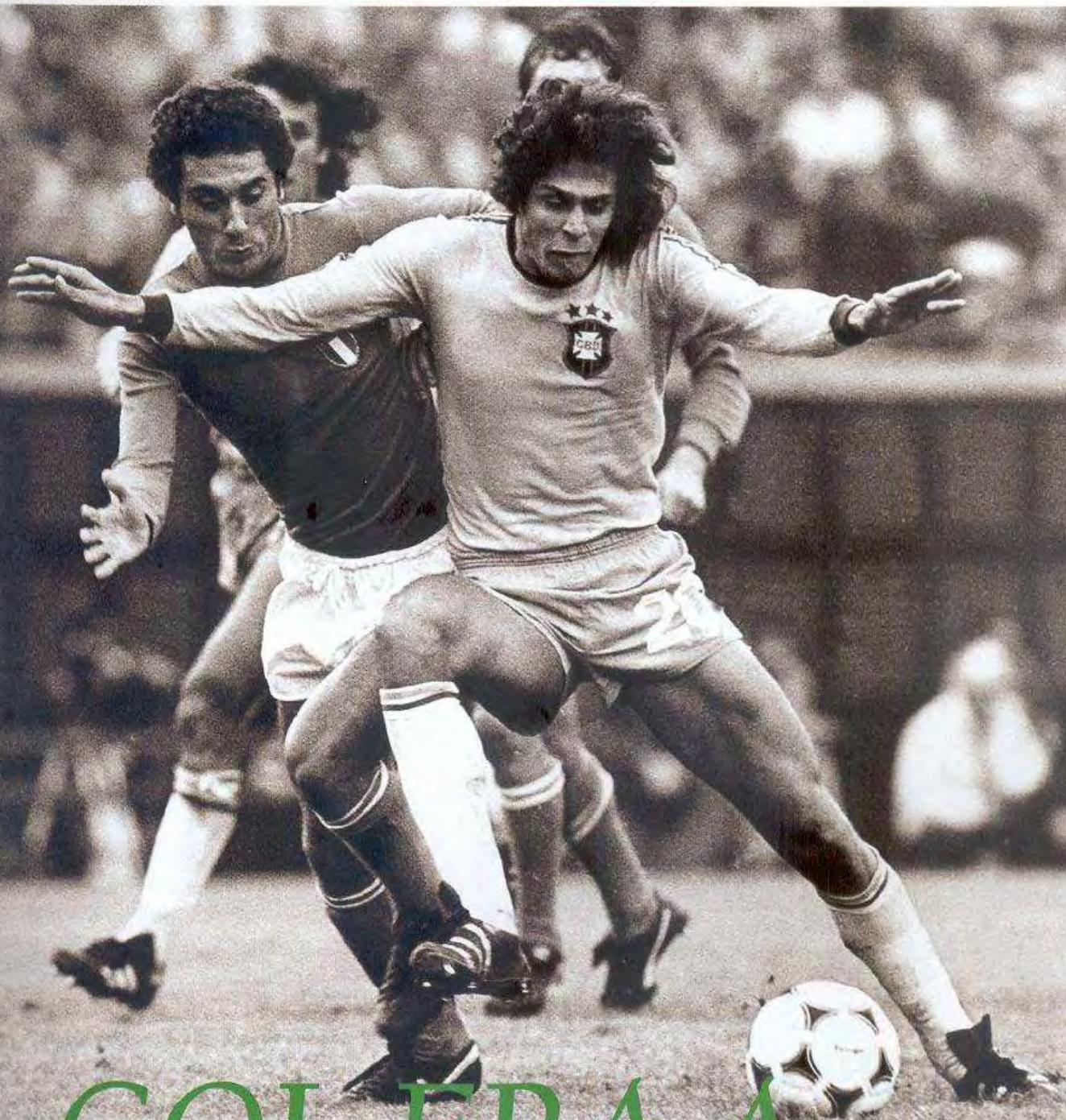
FOTO J.B. SCALCO

GOL ERA A VOCAÇÃO DE ROBERTO DINAMITE. ENTROU DURANTE A COPA DE 78 E RESOLVEU A SECA DE GOLS. NÃO MARCOU NA DECISÃO DO TERCEIRO LUGAR, MAS INFERNIZOU GENTILE, DA ITÁLIA

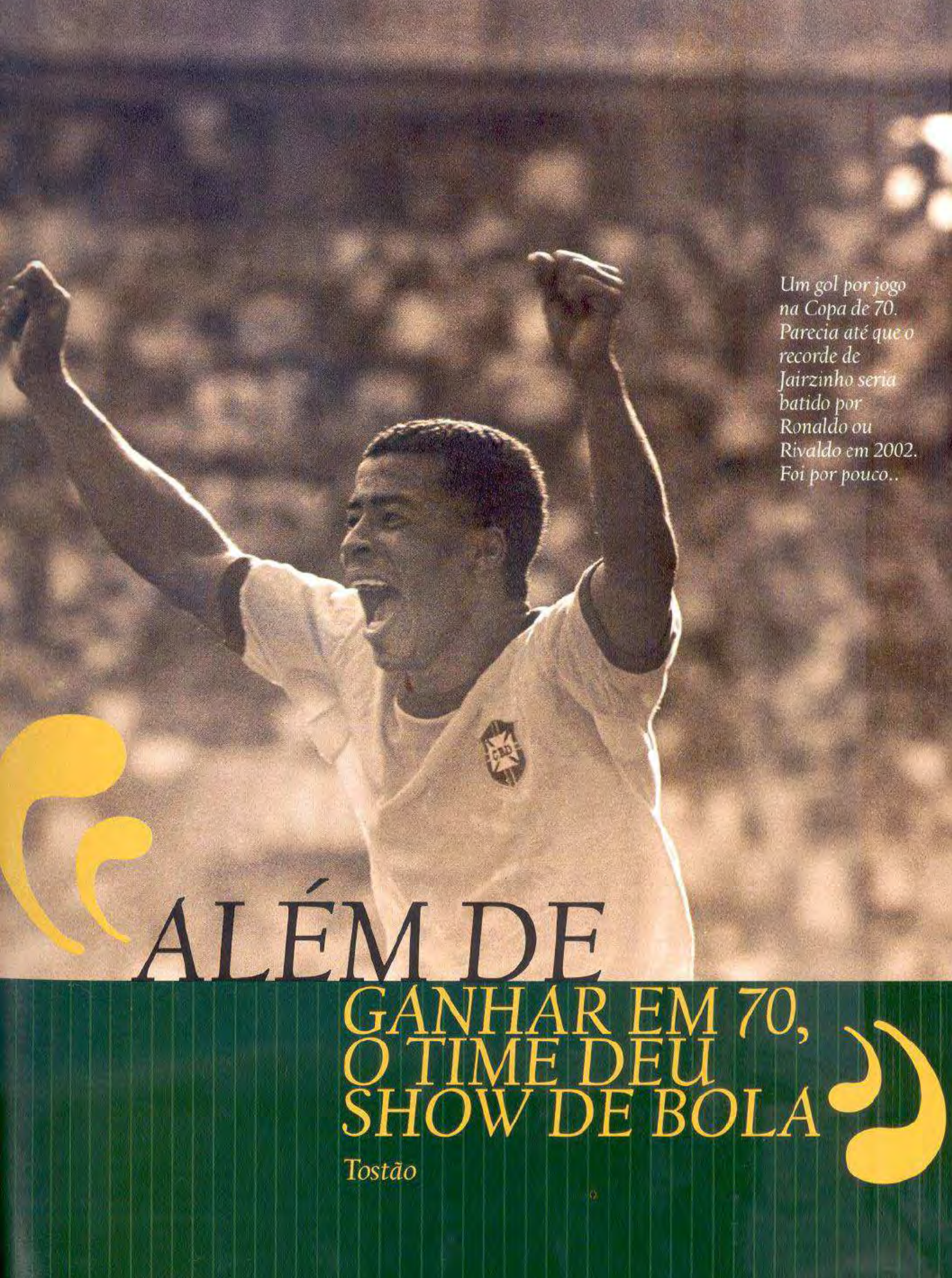
FOTO J.B. SCALCO

Gérson era o ponto de partida do time. Por mais que a bola trocasse de pé antes, tudo realmente começava depois que o "Papagaio" dava o seu carimbo. Podia ser um passe curto, um lançamento em profundidade, Gérson era vida inteligente em campo

FOTO SEBASTIÃO MARINHO

O Tostão artilheiro das Eliminatórias não jogou a Copa do México. Em seu lugar veio um Tostão abre-alas, solidário, que criava espaços para as arrancadas de Jairzinho e as chegadas de Pelé. Aquele Brasil de tabelas e lindas jogadas, como o quarto gol contra a Itália (acima), deve muito a Tostão

FOTO LEMYR MARTINS

Um gol por jogo na Copa de 70. Parecia até que o recorde de Jairzinho seria batido por Ronaldo ou Rivaldo em 2002. Foi por pouco..

ALÉM DE GANHAR EM 70, O TIME DEU SHOW DE BOLA

Tostão

A foto abaixo é a melhor tradução do que foi Garrincha. Ele estava sempre um segundo na frente do seu marcador, ou melhor, dos seus marcadores. Quando os "Johns" retomavam a direção certa, Garrincha já estava apontado de novo para a linha de fundo

FOTO JORNAL DOS SPORTS

FOTO AG. GLOBO

Nem só de toquinhos refinados sobrevive uma Seleção Brasileira. Vavá (acima) não fugia das trombadas, cansou de fazer gols corajosos em divididas. Dario era o goleador de um só toque. Mais do que isso, podia se enrolar com a bola. Não é fácil mesmo controlar tanta perna...

FOTO LEMYR MARTINS

Didi (abaixo), mescla de organizador do time e improvisador, e Nílton Santos (ao lado), o defensor com vocação de atacante: eles eram a voz da experiência da geração 58/62

FOTO ALBERTO FERREIRA / JB

Djalma Santos marca de pênalti o gol brasileiro na derrota para os húngaros em 54. Quatro anos depois ele seria eleito o melhor lateral-direito da Copa da Suécia

“Eles parecem vir de outro planeta”

Do jornal esportivo francês L’Equipe sobre o time brasileiro de 58

3

O rei Pelé

Ele nunca foi santo, nem dentro nem fora de campo. Mas só Pelé realmente conseguiu parecer um jogador divino

FOTO DOMICIO PINHEIRO/AG. O GLOBO

{ Neste milênio, no milênio passado ou no que ainda está por vir jamais existirá alguém igual. Por mais que os argentinos insistam com Maradona, o resto do mundo sabe quem foi o melhor de todos os tempos }

O italiano Rosato, Tostão e os outros jogadores da final da Copa de 70 tiveram o privilégio de ver o Rei no auge
FOTO LEMYR MARTINS

Gênio único e incomparável, assim foi Pelé. Talvez por isso pareça sempre tão inútil falar mais sobre Ele. Inútil dizer que só Ele conquistou por três vezes a Copa do Mundo como jogador, que atuou 114 vezes e marcou 95 gols pela Seleção Brasileira, que foi eleito o Atleta do Século, que foi o maior gênio numa época de gênios, que com 17 anos foi o jogador mais jovem a vencer um Mundial. Tudo fica muito pequeno perto das imagens de Pelé dentro de campo, em ação. Não só as imagens dos gols geniais, dos títulos conquistados, das comemorações com socos no ar, do desespero no semblante dos adversários, da loucura dos fãs, dos dribles, do seu vigor físico, da sua elegância... Com o Rei em campo, até os gols perdidos eram brilhantes, até quando Ele não encostava na bola — como quando passou pelo goleiro uruguaio Mazurkiewicz na Copa de 1970 — surpreendia. Em julho de 1971, Pelé se despediu da Seleção. A partir daí, teve gente querendo discutir e questionar a Majestade dele com teorias furadas. Mas as imagens estão aí, indiscutíveis.

Não fomos só nós, brasileiros, que o idolatramos. Depois do show que deu nos gramados mexicanos, Pelé também virou Deus por lá

Ainda menino, com Gilmar e Zito e a Taça Jules Rimet, conquistada pela primeira vez na Suécia, em 1958
FOTO JOSÉ DIAS HERRERA

Depois de Pelé, camisa 10 virou sinônimo de craque. Muitos usaram o número depois dele. Ninguém chegou perto da mesma genialidade

FOTO DOMICIO PINHEIRO/AG. ESTADO

Ele se perfilou em mais de **90 partidas** oficiais para defender a Seleção Brasileira. Poucos podem se orgulhar de terem jogado tanto pelo país

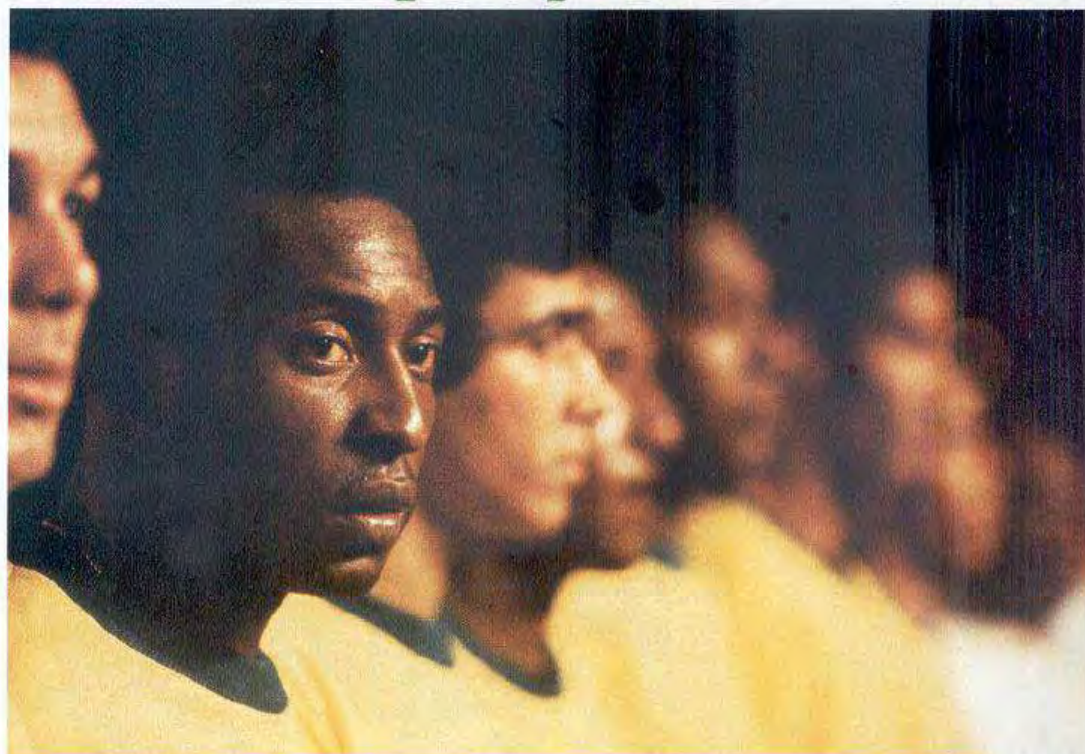



FOTO MARCELO SOUBHIA

"Quando vi Pelé jogar, tive vontade de pendurar as chuteiras"

Fontaine, *atacante francês artilheiro da Copa de 58*

Contra os suecos, na final da Copa de 58, ele tinha cara de garoto, mas já jogava como gente grande, tanto que fez dois gols na vitória do Brasil por 5 x 2

Após o amistoso contra a Áustria, na despedida da Seleção, ele recebeu a justa coroa. Pena que o Rei não tenha deixado um príncipe herdeiro à altura...

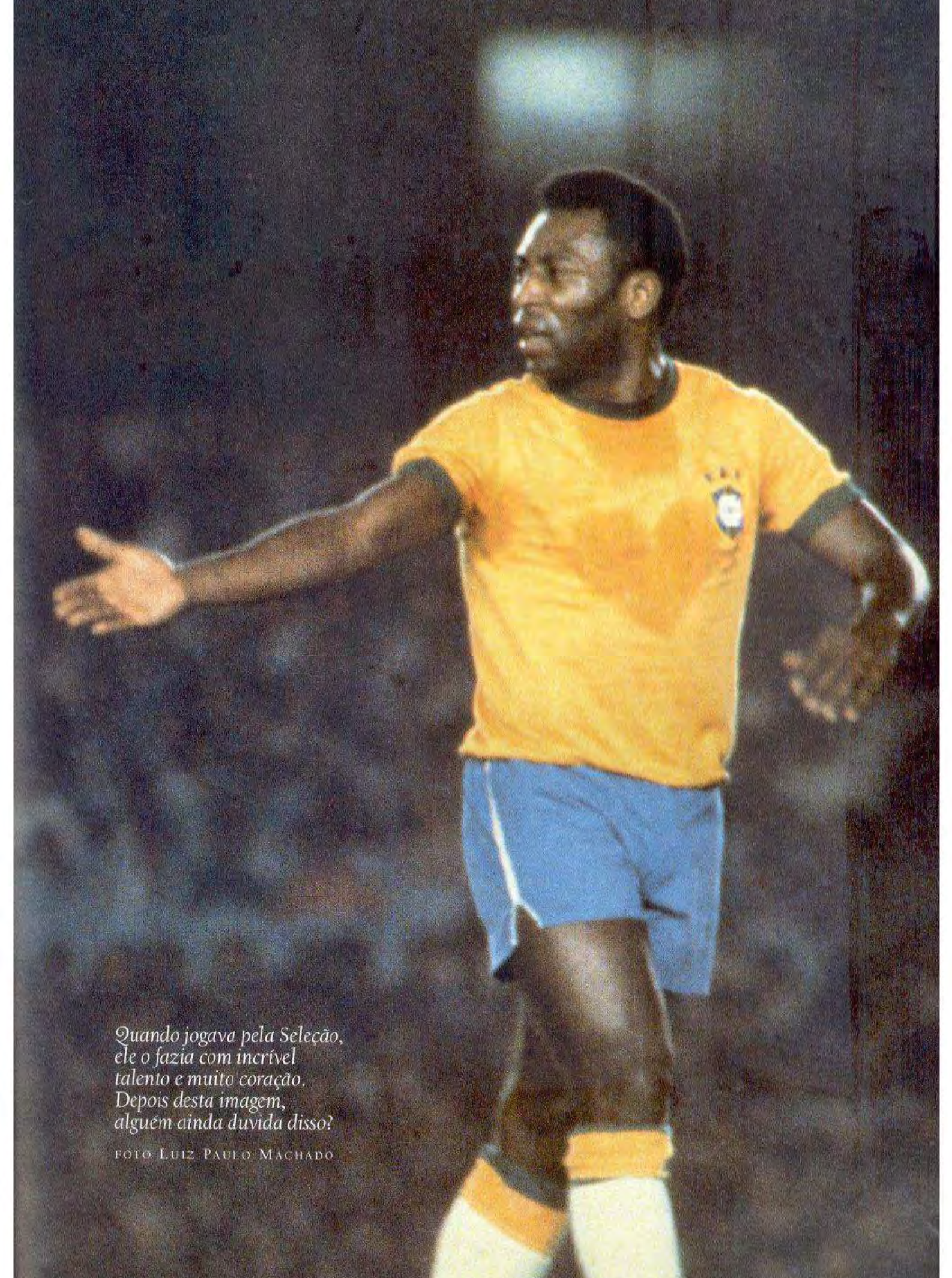
FOTO MANUEL MOTTA

Quando jogava pela Seleção, ele o fazia com incrível talento e muito coração. Depois desta imagem, alguém ainda duvida disso?

FOTO LUIZ PAULO MACHADO

4 Os capitães

FOTO RICARDO CORRÊA

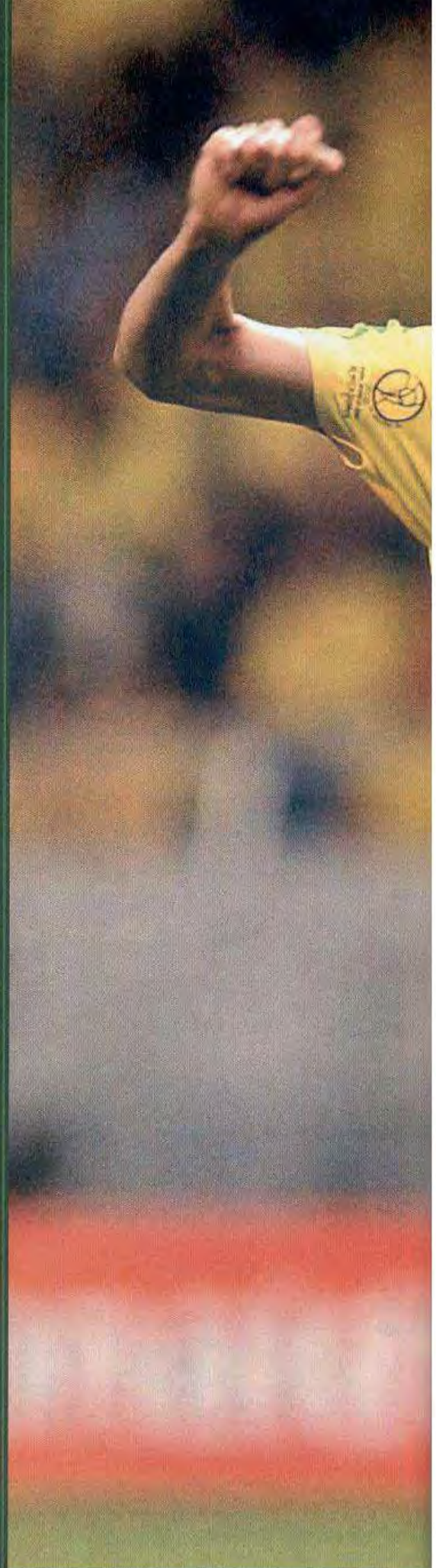
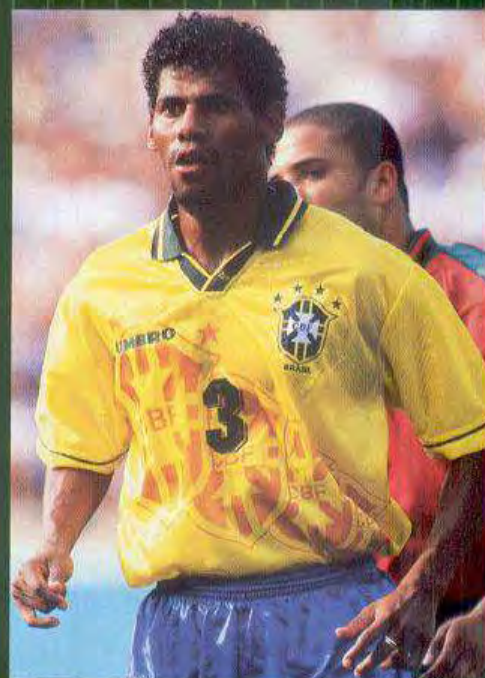
Imortais. Eles são tão lembrados como os grandes craques das seleções campeãs. A imagem de Bellini levantando a taça em 1958 é tão clara na nossa lembrança como o golaço de Pelé na final. Bellini era sinônimo de raça, seriedade, liderança. No Bi veio Mauro, com futebol de craque, mais elegante, mas não menos sério. Carlos Alberto, em 70, não contente em levantar a Jules Rimet, deixou um golaço na final! Em 94, chegava a Era Dunga. Erguendo a taça, quando ninguém podia contestá-lo, berrou em direção a alguns velhos críticos. Coisas de capitão. Enfim, veio Cafu, de estilo mais calado, mas tão respeitado quanto seus antecessores. É o único jogador na história do futebol a ter disputado três finais seguidas em Copas do Mundo. Não precisava exagerar, capitão!

Facchetti e Carlos Alberto antes da histórica decisão do Mundial de 70. Quem erguiria a taça, além de fazer um golaço, seria o nosso capita. Scusa, Facchetti!

Mauro ergueu
a taça em
1962 repetindo
Bellini, que,
ao cumprimentar
o capitão francês
antes da semifinal
de 58, não
imaginava que
criaria um gesto
universal

FOTO AG. O GLOBO

5 Os xerifes

Defender nunca foi o forte da Seleção. Tanto é verdade, que a equipe canarinho que melhor fez isso numa Copa do Mundo foi engolida meio a contragosto pela torcida, mesmo trazendo o tetracampeonato dos Estados Unidos em 1994. Por conta desse instinto nacional ofensivo, os grandes zagueiros que já defenderam o Brasil têm um perfil de heróis discretos, pouco reconhecidos. Mas o tradicional sofrimento dos torcedores nas Copas do Mundo certamente teria sido bem maior sem xerifes como Piazza, Luís Pereira, Oscar e Aldair para intimidar os vilões adversários, sempre dispostos a roubar nossa alegria. Eles muitas vezes também transgrediram a lei, com um pontapé aqui, ou um carrinho ali. Mas foram prontamente perdoados pelos brasileiros a cada gol que conseguiram evitar.

Lúcio foi o grande comandante da defesa brasileira na Copa de 2002. Era ele quem os atacantes rivais mais temiam enfrentar. O becão revelado pelo Inter também andou falhando nesse Mundial, é verdade, mas qual xerife não erra a pontaria de vez em quando?

Com Aldair à frente, a zaga do Brasil na Copa de 94 mostrou uma segurança jamais vista em outros Mundiais

FOTOS RICARDO CORRÊA

Oscar foi o dono da nossa área em 1982.

Num time recheado de craques como Éder, só mesmo um zagueiro talentoso como ele para se destacar

FOTO J.B. SCALCO

Piazza era volante. No Mundial do México, porém, Zagallo inventou de transformá-lo em beque. Pois todos os brasileiros engoliram o improviso com muito prazer

FOTO LEMYR MARTINS

Luís Pereira, nosso camisa 2 na Copa de 74, era daqueles raros zagueiros-artilheiro. Quando aparecia lá na frente, tinha a tranqüilidade de um atacante veterano. Pena que só tenha disputado um Mundial e encontrado pela frente logo a fantástica Holanda de Cruyff

FOTO LEMYR MARTINS

6 As patadas

Na Copa de 2002, a bola de Roberto Carlos

Nelinho era o mestre dos efeitos. Contra a Itália, em 1978, fez um dos gols mais bonitos e inexplicáveis da história, de tão surpreendente que foi a trajetória percorrida pela bola até o gol

Força. Muitas vezes ela foi a única arma viável para quebrar a resistência oferecida por grandes goleiros. Se na habilidade dos dribles e tabelinhas o gol da Seleção não saía, o jeito era "apelar" para uma bomba certeira. De fora da área, de falta, de primeira, com ou sem efeito, nossos grandes chutadores usavam qualquer artifício disponível para surpreender o camisa 1 adversário. Rivelino, por exemplo, era capaz de fazer a bola passar com precisão no buraco aberto na barreira por um brasileiro infiltrado entre os inimigos. Nelinho, por sua vez, enlouquecia as leis da física com seus chutes cheios de curva. Para chegar ao penta, também contamos com belas patadas. O petardo de Roberto Carlos, um legítimo herdeiro dos maiores chutadores da Seleção, nem a muralha da China deteve.

cobrança de falta tinha endereço certo: passar a barreira e morrer nas redes da China FOTO RICARDO CORREA

Éder era a força no mágico ataque da Seleção na Copa de 82. Seus chutes indefensáveis derrubaram até goleiros lendários, como o soviético Dassaiev. Se bem que às vezes ele trocava a bomba por um toque sútil, como ao fazer o terceiro gol do Brasil na goleada por 4 x 1 sobre a Escócia

FOTO J.B. SCALCO

Prontos para o disparo

Branco, titular nos Mundiais de 86 e 90, também sabia caprichar na hora de pegar na bola. Apesar de estar machucado boa parte da Copa de 94, foi nela que deu seu chute mais famoso: a cobrança de falta que garantiu ao Brasil a vitória por 3 x 2 sobre a Holanda nas quartas-de-final

FOTO NELSON COELHO

Rivelino enlouqueceu os mexicanos com a força de seus petardos na campanha do Tri em 70. Fez jus ao apelido que ganhou por lá: "Patada Atômica"

FOTO SEBASTIÃO MARINHO

7 As muralhas

Segurança para o resto do time, os goleiros foram essenciais em todas as conquistas. Nos dois primeiros títulos, em 1958 e 1962, nossos zagueiros não tinham com o que se preocupar. No gol, Gilmar do Santos Neves, até hoje considerado o melhor goleiro brasileiro de todos os tempos, acabava com a história de que por aqui não se produziam bons jogadores na posição. Leão, promessa em 70, e realidade a partir de 74, comprovou o que Gilmar provara: na Copa de 78, apesar de não voltar com a taça, ficou 457 minutos sem levar um gol.

O herói seguinte seria Taffarel, que chegou à Copa de 94 contestado por ter falhado nas Eliminatórias. Mas, quando a coisa apertou, ele resolveu. A muralha do Tetra foi titular da Seleção por dez anos. Agora, o cargo é de Marcos. O preferido de Felipão, foi um dos destaques do time no Mundial.

Contra os belgas, Marcos precisou agir para evitar o gol de Mpenza

FOTO RICARDO CORRÊA

Taffarel tomou muita patada na vida. Mesmo os seus críticos mais afiados ficarão com a imagem do pegador de pênaltis, que deu ao Brasil o Tetra e, quatro anos depois, levou a Seleção a final da França. Vai que é tua Taffarel!

FOTO PEDRO MARTINELLI

"Gilmar é o melhor do mundo"

A frase foi dita por quem entendia do riscado: o goleiro russo Lev Iashin, ele sim apontado como um dos melhores de todos os tempos. Gilmar dos Santos Neves era alto para sua época (1,81 m), tinha o apelido de Girafa e era conhecido pela sua elegância. Foi bicampeão em 1958 e 1962.

Leão era mais que um goleiro, era um líder. Foi assim que participou de quatro Copas, duas como titular, em 1974 e 1978. No banco, era ainda uma jovem promessa em 1970 e um reserva experiente em 1986. Com ótimo posicionamento, era muito seguro embaixo das traves, embora as bolas altas não fossem o seu forte. Também, se fosse perfeito, teriam de lhe dar a 10.

FOTO J. B. SCALCO

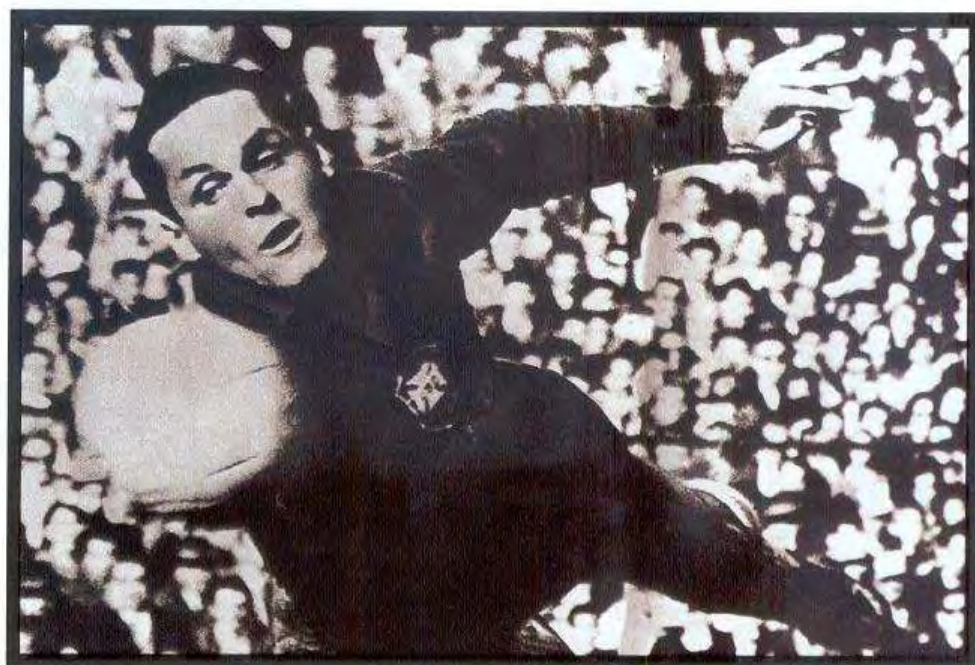
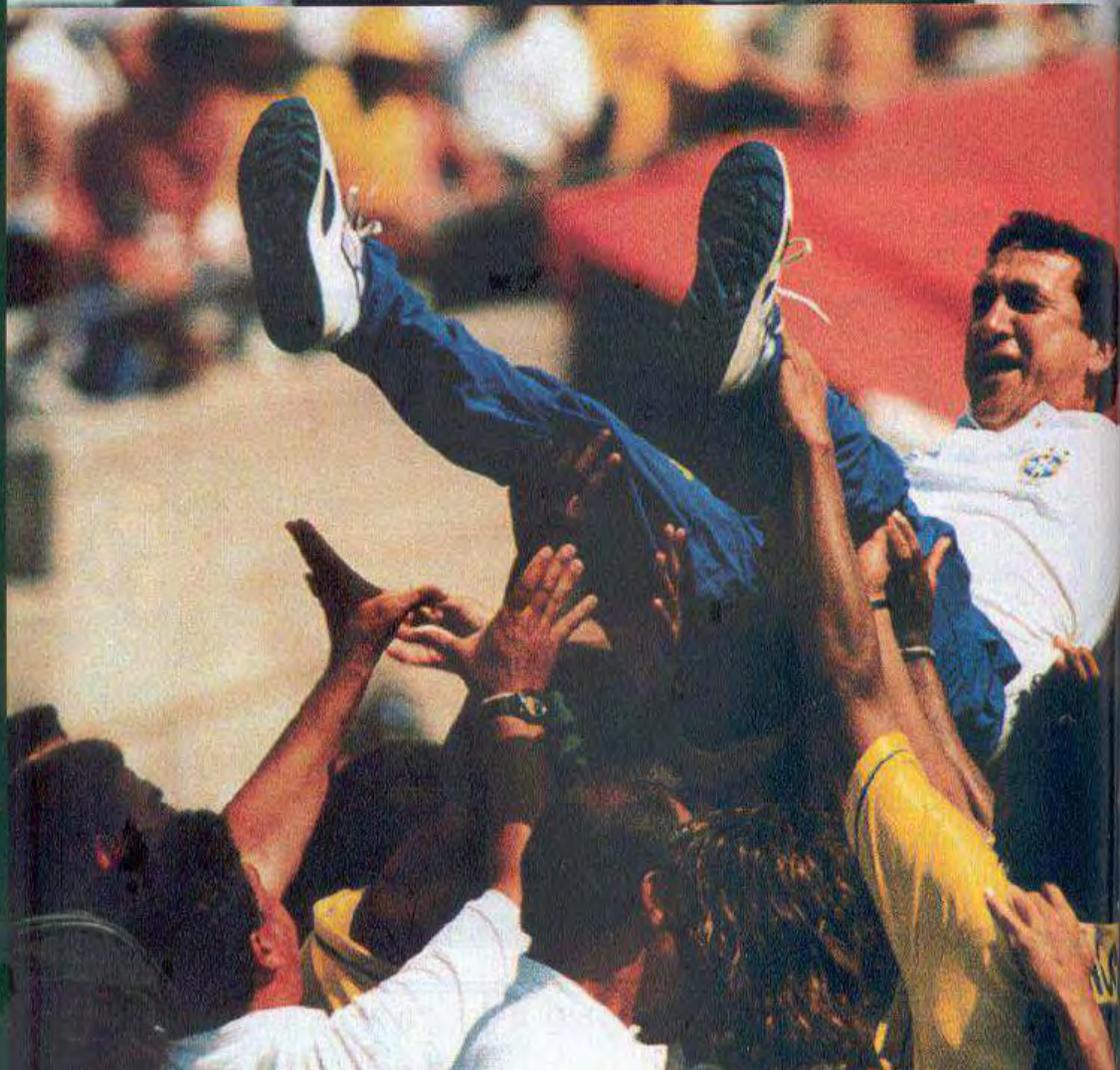



FOTO RICARDO CORRÊA

Luiz Felipe Scolari fez uma aposta quase suicida. Jogou todas as fichas em um grupo de confiança (dele) e decidiu ir até o fim. Deixou Romário de fora, fixou-se em um esquema tático bem definido e rezou. Foi agraciado com o Penta. Parreira fez parecido em 1994, formou seu grupo, tomou tantas bordoadas quanto Felipão e decidiu levar Romário. Deu certo. O Tetra era dele, após 24 anos de jejum de títulos no futebol brasileiro

FOTO AFP

8 Os. técnicos

Comandar a da Seleção em um País com 170 milhões de treinadores não é fácil. Muitos já foram sacrificados nessa função. Alguns, porém, triunfaram, mesmo sem serem campeões. Foi o caso de Telê Santana, que montou em 1982 um dos melhores times de todos os tempos, ou mesmo Cláudio Coutinho, que apesar de não brilhar em 1978, conduziu o futebol brasileiro à modernidade. Aos campeões mundiais, no entanto, está reservado um lugar entre os mestres.

Zagallo mereceria uma revista só para ele. Esteve presente em todo o Tetra, mas foi como treinador em 1970, que será lembrado para sempre. Parreira talvez tenha sido o mais qualificado de todos. E Felipão? Bem, Felipão foi quem descascou o maior abacaxi, pegou a Seleção desacreditada e conquistou o Penta.

VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR

Zagallo pouco mudou em 28 anos. Empolgado, defensor de quatro costados do talento do futebol brasileiro, ele estava no Tri de 70 , no Tetra de 94 e no vice de 1998

FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

FOTO VICENTE DE P. PARISI

Cláudio Coutinho foi ridicularizado em 1978 por suas esquisitices. Mas foi ele quem iniciou a modernização do nosso futebol

FOTO J.B. SCALCO

Com seu jeito bonachão, Vicente Feola levou a Seleção ao primeiro título em 1958 e revelou Pelé e Garrincha. É, no entanto, lembrado por histórias folclóricas, como a de que cochilava no banco em meio às partidas

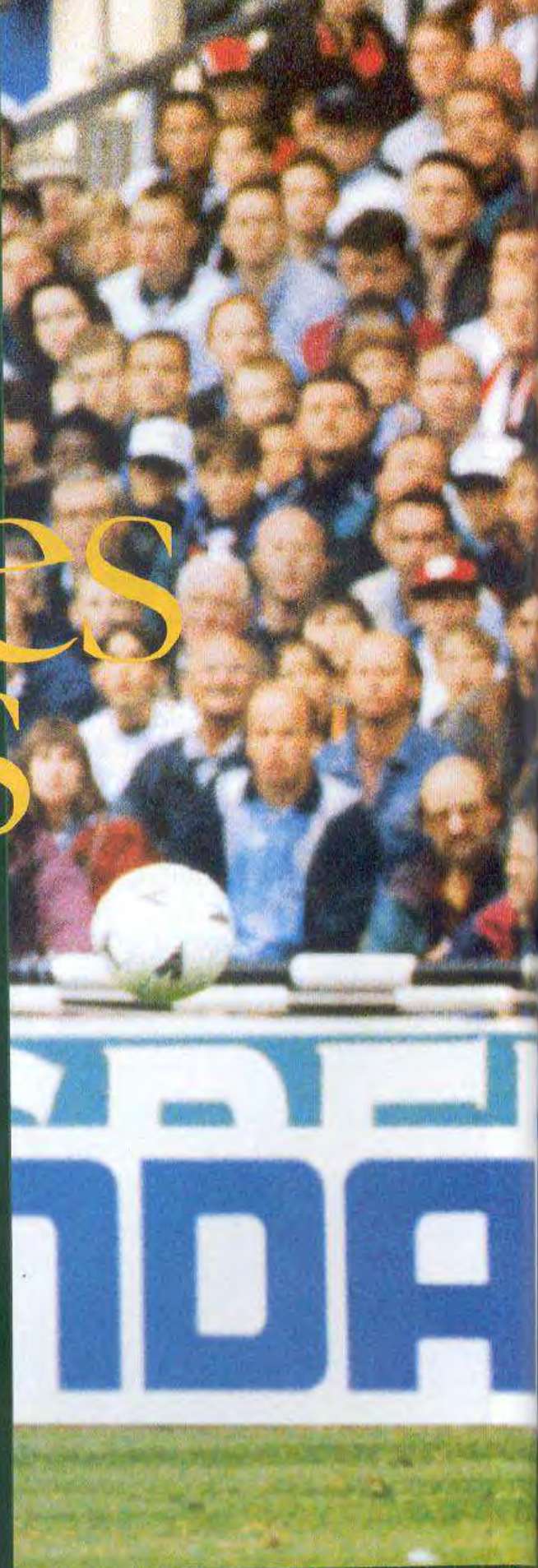
FOTO CORREIO DA MANHÃ

A imagem que Telê Santana deixou para a história é curiosa. Quando estamos de bom humor, ele vira o gênio inventor da máquina de 1982. Se estamos ligeiramente azedos, ele passa ser aquele tremendo pé-frio que conseguiu perder nas Copas de 82 e 86

FOTO J.B. SCALCO

Aymoré Moreira, em 1962, foi o primeiro ex-jogador da Seleção a assumir o cargo de técnico – e não decepcionou. Trouxe o Bi, mesmo sem ter Pelé durante quase toda a Copa

9 Os grandes jogos

Clássicos são aqueles jogos que a gente nunca se cansa de lembrar. Vitórias consagradoras, comemoradas por muito tempo. Algumas vezes são partidas valendo taça, como a decisão do Mundial de 70. Outras, amistosos onde não contam os três pontos, mas com um doce sabor de Copa, como a inesquecível exibição de Rivaldo nos 4 x 2 sobre a Argentina em Porto Alegre, em 1999. As lembranças, porém, nem sempre são vitoriosas. Tem muita derrota trágica e sofrida que não sai da nossa cabeça. Alguém que tenha hoje mais de 30 anos já conseguiu esquecer a derrota para Itália em 82? Provavelmente, não. Mas essas derrotas só são tão doídas até hoje porque ocorreram em grandes jogos. Relembrá-las não é um gesto de sadismo, mas de reverência a belas equipes que já vestiram a camisa da Seleção, mesmo sem serem vencedoras.

Aldair decola sobre um inglês e Jorginho observa.

A Seleção realmente deu de tudo para vencer a final da Copa Umbro por 3 x 1 em pleno estádio de Wembley

FOTO ED VIGGIANI

O holandês Valckx foi um dos que tentaram parar

Romário

na Copa de 94. Impossível. O Baixinho fez um dos gols da vitória brasileira nas quartas-de-final, naquele que foi o jogo mais emocionante na campanha do tetra

FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

{Brasil 4 x 2 Argentina - 1999}

Rivaldo deu um show no amistoso em Porto Alegre, na melhor partida da Seleção sob o comando de Luxemburgo

FOTO EDISON VARA

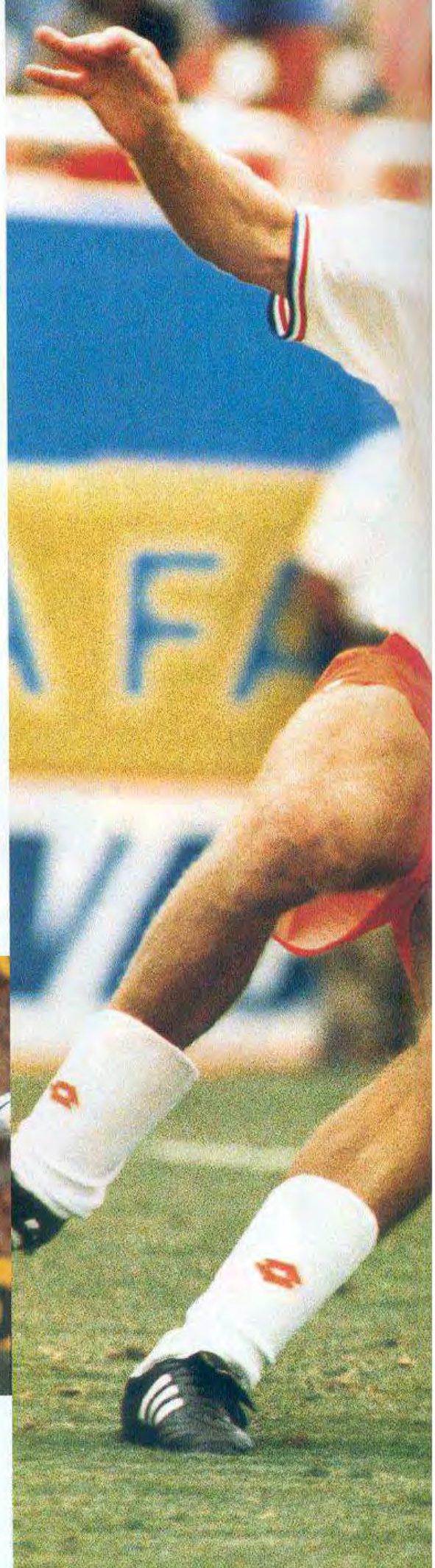
UMBRO
11

VALIA VAGA NA COPA DE 94. AÍ O JEITO ERA CHAMAR ROMÁRIO. PIOR PARA O GOLEIRO URUGUAIO SIBOLDI

FOTO SÉRGIO MORAES

{Brasil 1 x 1 França - 1986}

FOTO SÉRGIO SADE

Foi a melhor atuação do Brasil na Copa de 86. Não adiantou. Zico, mais uma vez no sacrifício, entrou em campo. Não adiantou. Ele até perdeu um pênalti. O craque francês, Platini, também perdeu um, e na série decisiva. Não adiantou. Nós perdemos outros dois. No final, quem seguia adiante na Copa era a França. Mais que foi um jogão, foi

A estréia da Seleção na Copa de 82 foi difícil. Enquanto Falcão lutava pela bola no meio-campo, nossos atacantes não conseguiam vencer o goleiro Dassaiev. Só nos minutos finais veio a virada. Dramático!

FOTO J. B. SCALCO

FOTO J. B. SCALCO

O JOGO COM OS SOVIÉTICOS ATÉ *PODE TER SIDO* DRAMÁTICO, MAS NADA SE COMPARA À *DOIDA DERROTA PARA ITÁLIA DE PAOLO ROSSI NA MESMA COPA*

Muitos consideram a final da Copa de 70 como o melhor jogo do século 20. Se não foi o melhor, certamente foi o mais saboroso para a torcida brasileira, que, pela primeira vez, pôde acompanhar ao vivo pela TV a Seleção ganhar um Mundial

FOTO SEBASTIÃO MARINHO

VAVÁ, QUE FEZ O TERCEIRO GOL DO BRASIL, VIBRA NO JOGO QUE NOS DEU O BI E A CERTEZA DE TERMOS A MELHOR SELEÇÃO DO MUNDO

10 Maus bocados

Nem todo dia é dia. Dunga o capitão que erguera a taça do tetra em 1994, quatro anos depois, era o capitão desolado após a derrota para a França na final da Copa de 98

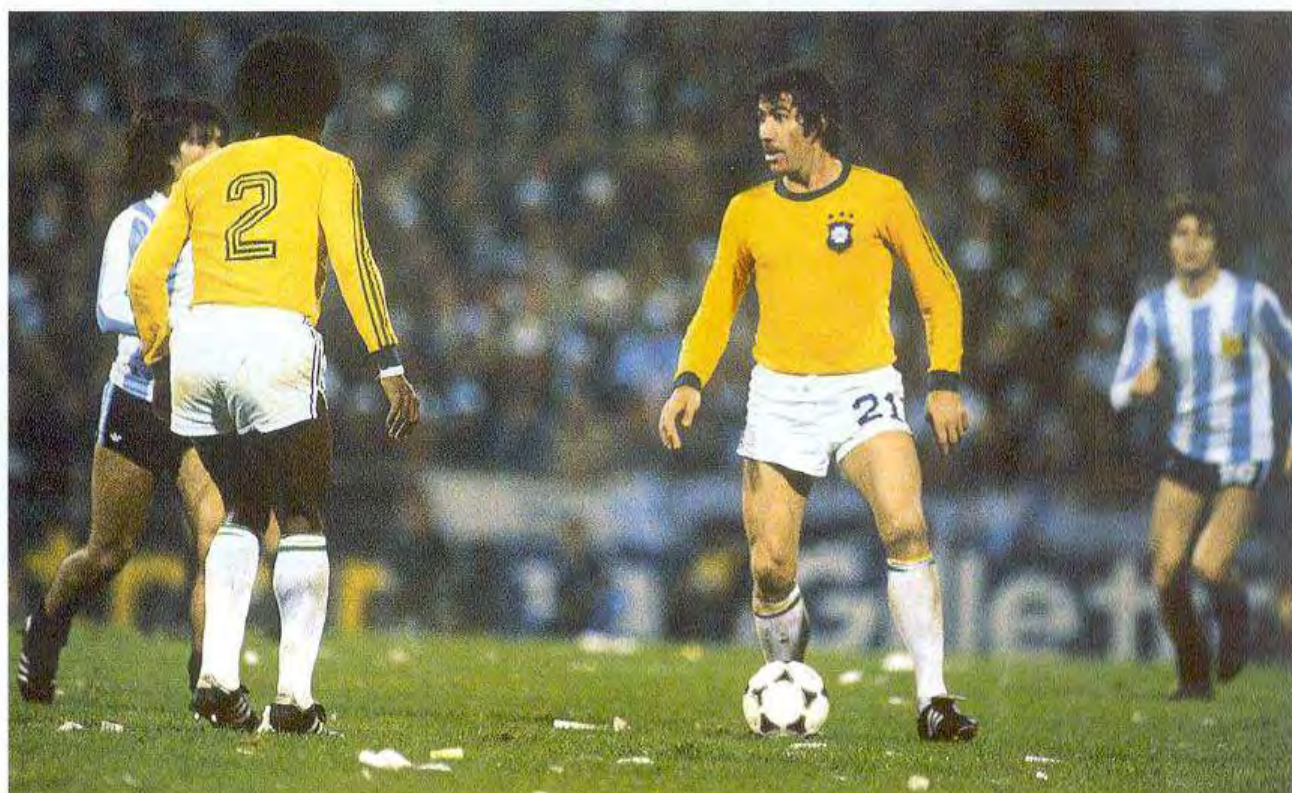
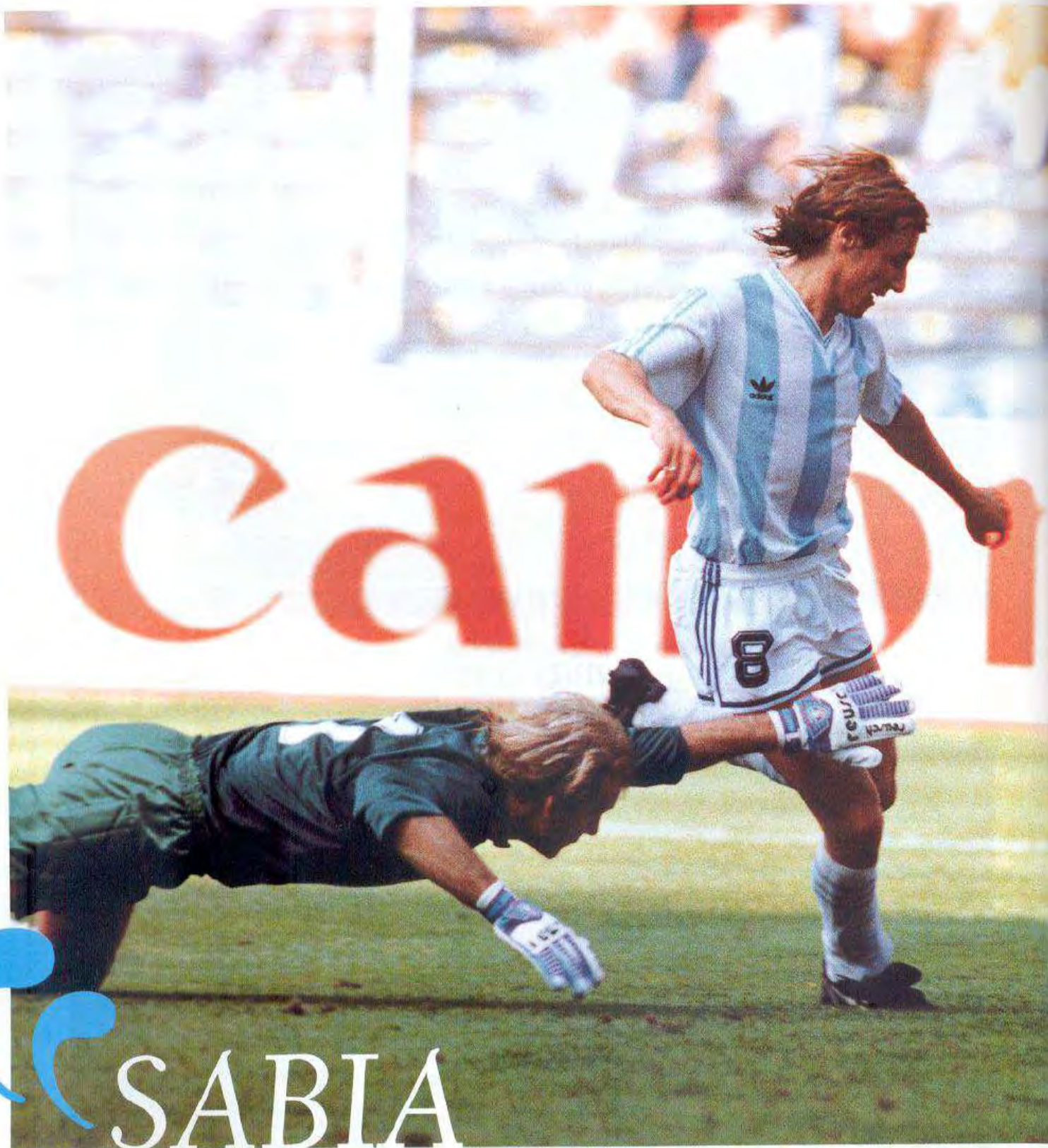
FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

Para o brasileiro, o importante nunca foi competir. Certamente por isso as derrotas, ainda que poucas, doem tanto. São tragédias que rasgam o peito, explodem em choro, silenciam 200 mil pessoas. A pior delas foi, sem dúvida, a final de 1950, que acabou por crucificar o bom goleiro Barbosa. Mesmo craques consagrados sentiram o peso da derrota: Pelé foi a imagem do fracasso de 1966 e a geração de Zico merecia bem mais do que os naufrágios de 1978, 1982 e 1986. Dunga conheceu os dois lados da moeda. Caminhava para ser o símbolo de uma Era perdida, em 1990, mas deu a volta por cima, foi capitão do Tetra e novamente sentiu o gosto amargo da derrota em 1998. Ele, porém, é o melhor exemplo de que as derrotas realmente doem muito, mas ensinam mais.

FOTO GAMMA/SIGLA

O joelho de Zico preocupava e, no último amistoso antes da Copa de 86, uma entrada dura de um zagueiro chileno complicava ainda mais as coisas. Durante o Mundial, ele até que entrou bem em alguns jogos, mas o que ficou para a história foi o decisivo pênalti perdido contra a França

FOTO SÉRGIO SADE

Era uma parada indigesta: pegar os argentinos na casa deles em plena Copa de 78. O empate não foi ruim para Chicão (21), Toninho & Cia., mas como sofremos!

Fotos Rodolpho Machado

“SABIA QUE MARADONA PODERIA RESOLVER. QUANDO A BOLA CHEGOU, EU SÓ TINHA QUE MATAR TAFFAREL”

A frase, suscinta e cruel, é de Caniggia. Após receber um passe açucarado de Maradona, ele só precisou despachar o Brasil da Copa de 90

FOTO PEDRO MARTINELLI

A vida foi dura para o goleiro Barbosa. E tudo por causa de um único jogo e dois gols. O primeiro foi este da foto acima. Schiaffino empatava em 1 x 1 a final da Copa de 50. O empate nos bastava para o título, mas Barbosa ainda seria vencido outra vez, por Ghiggia, e carregaria para sempre uma injusta culpa pela derrota de todo um país

Pelé, amparado por Hilton Gosling e pelo massagista Mário Américo, deixa o campo contundido. O Rei do futebol foi covardemente caçado na Copa de 66 e pouco jogou. O Brasil, que tanto dependia dele, não conseguiu sequer passar da primeira fase no Mundial da Inglaterra. Ao contrário de 1962, não havia um possesso para substituí-lo

Uma solitária bandeira incentiva a estréia da Seleção na Copa de 94. Uma última homenagem à torcida brasileira, que, nessas décadas todas, também ajudou nosso país a ser Pentacampeão

FOTO MARCOS ROSA

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: PAULO NOGUEIRA

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Colaboradores:** Alexandre Battibugli (edição de fotografia), Ricardo Corrêa (fotos), Eduardo Jordão (tratamento de imagens), Crystian Cruz e Fernando Moné (edição de arte), Saulo Ribas (direção de arte), Fabio Volpe e Álvaro Almeida (edição)

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Leticia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felicíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Solange Carmo **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nasir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávalos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700, **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 – 9º andar - Bairro do Carmo CEP 30110-100, Yania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas** – R. Conceição, 233 – 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 352-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax: (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, s/s 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 321-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel. (21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av. Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco, 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controjornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais. **Tudo Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1232 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br